

FARIDA: EXÍLIO E DOMINAÇÃO NA OBRA *TERRA SONÂMBULA*

Gilson Carlos Rodrigues PEREIRA¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo traçar uma análise acerca da personagem Farida da obra *Terra sonâmbula* de Mia Couto. Para isso, terá como base, além da obra já citada, as reflexões acerca do tema exílio (SAID), um breve panorama da cultura ocidental (JOSEFO) e os debates contemporâneos correlatos a teoria literária (BONICCI) e ao pós-colonialismo no século 21. Enfatiza-se o exílio da personagem, cuja estória representa os males causados pela colonização, tanto em aspectos físicos quanto psicológicos. Objetiva-se também visualizar a ação do dominador em sua autodenominação de superioridade, exercendo controle sobre a vida e o destino dos subjugados. De igual modo, cabe a reflexão sobre fenômenos sociais de dominação, os quais na realidade são formas de exílio agindo sob outros termos. Por fim, contribuir com as discussões relativas à temática.

Palavras-chave: Exílio. Raça. Exploração. Nacionalismo.

FARIDA: EXILE AND DOMINATION IN WORK *TERRA SONÂMBULA*

Abstract: This work aims to draw an analysis about the character Farida of Mia Couto's work *Terra sonâmbula*. For this, it will have as a base, besides the work already mentioned, the reflections on the subject exile (SAID), a brief landscape of western culture (JOSEFO) and contemporary debates related to literary theory (BONICCI) and postcolonialism in the century 21. Emphasizes the exile of the character, whose story represents the evils caused by colonization, both in physical and psychological aspects. It is also intended to visualize the action of the dominator in his self-denomination of superiority, exercising control over the life and destiny of the subjugated. Similarly, reflection on social phenomena of domination, which in reality are forms of exile acting under others terms. Finally, contribute to the discussions on the subject.

Keywords: Exile. Breed. Exploration. Nationalism.

Introdução

Terra Sonâmbula (1996), de Mia Couto, apresenta a temática do exílio vivida por personagens marcantes e sob perspectivas diferentes. O romance mostra uma nação arrasada pela guerra num contexto brutal, consequência da luta insana pelo poder entre grupos rivais. Lamentavelmente, os mesmos que se libertaram do jugo do colonizador que os manteve historicamente em correntes, aprisionam-se e entregaram-se à servidão da hostilidade e do ódio. As personagens refletem os sofrimentos e os horrores deste caos social e representam situações vivenciadas por exilados; não somente pelo povo moçambicano, mas por todos que, em qualquer parte, sintam a presença desse algoz covarde.

A trama se passa na caminhada sem rumo certo de um velho, por nome Tuahir, e um menino chamado Muidinga. Eles definham em uma situação deplorável, tendo como único abrigo um ônibus

¹ Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade de Educação e Tecnologia da Amazônia – FAM. Graduado em Letras-Portuguesa pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

queimado e cheio de corpos. Certamente, trata-se de uma alusão ao próprio país, completamente arrasado, imerso em guerra civil, e num contexto de supressão total de direitos humanos.

De maneira improvável, eles encontram, nesse abrigo mórbido, um alento para vencer o medo e as tristezas advindas das privações. Deparam-se com o caderninho de Kindzu, personagem central da narrativa, que dá vida a dilemas e tragédias individuais, dentre as quais a de Farida, a jovem descoberta por ele, como que por obra do acaso, e que será objeto de análise nesse trabalho. Da personagem Farida, neste artigo, considera-se a personalidade e os aspectos narrativos que ocasionam seu exílio.

A leitura acerca da personagem será de acordo com os pressupostos de Edward Said (2003) sobre o exílio, objetivando uma reflexão sobre tal aspecto na atualidade. Sobre Farida, como exemplo de ruptura definitiva das origens, será feita uma análise visando identificar os principais motivos que lhe impuseram o desterro e que a fizeram uma estrangeira dentro do próprio país.

Para isso, é importante o entendimento dos fatores internos ligados às questões culturais que a destinaram a tal sorte, pois tais fatores internos são caracterizados e regidos pelo preconceito entre raças, inserido pelo colonizador, bem como por dilemas interiores e pessoais que remetem a crises identitárias. Objetivamente é necessária uma breve conceituação sobre as concepções de exílio e seus significados, de acordo com as principais raízes culturais do ocidente.

1 Concepções sobre o exílio

O homem, ao longo de toda sua história, sempre procurou exercer domínio sobre os demais, mesmo que para isso fosse preciso travar horrendas guerras subjogando povos e nações, aos quais impõe seus costumes, crenças e valores. A sede pelo poder encontra justificativa perfeita para se cometer as maiores atrocidades, ainda que à custa do drama e da miséria alheia. Quando se observa a cultura ocidental, percebe-se a presença do exílio, tanto no paganismo quanto da cultura judaico-cristã.

A Grécia pagã deixou-nos a tragédia do *Édipo Rei* e o banimento imediato do pequeno recém-nascido que, segundo os oráculos, estava destinado a trazer desgraça sobre a casa paterna. Da mesma forma, a *Torá* dos Hebreus e, posteriormente, a *Bíblia* dos cristãos traz a narrativa sobre Caim, um ancestral de Abraão que foi expulso de sua terra natal e estigmatizado de forma tal que “Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e vagabundo serás na terra [...]”². Depois dessa cena, todos o veriam como um amaldiçoado.

² JOSEFO, Flávio. *A história dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. CPAD. [2001]
PEREIRA, Gilson Carlos Rodrigues. Farida: exílio e dominação na obra *Terra sonâmbula*. In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

Quem é relegado ao exílio se encontra em situação de pessoa indesejada. Isto decorre pelo fato de o indivíduo viver, pensar ou agir de maneira contrária aos padrões da minoria dominante. Outrossim, se faz um exilado por não suportar o peso das perseguições ou ver um panorama decadente de seu lugar. Em geral, a discordância do indivíduo em relação à exploração origina o exílio. Trata-se de uma realidade que persegue o homem por toda a sua história, desde os primórdios, seja na Grécia, em Roma ou entre os indígenas latino-americanos. O termo pode até mudar de nome, mas o teor é o mesmo. Podem chamá-lo de desterro, degradação ou banimento, contudo, as consequências se eternizam no corpo e na alma de quem passa pelo processo. Ou seja,

O exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico, [...] é produzido por seres humanos para outros seres humanos e que, tal como a morte, mas sem sua última misericórdia, arrancou milhões de pessoas do sustendo da tradição, da família [...].³

O exílio se mostra como um estado de profunda nostalgia pelos dias anteriores, pelas raízes, pelos costumes, enfim, pelos elos que prendem o exilado à terra. Neste sentido, acaba por acentuar o sentimento nacionalista e a busca pelas origens e, conseqüentemente, em reafirmar sua identidade. Assim, pode-se dizer que, ao mesmo tempo em que se abraçam, nacionalismo e exílio se repelem, o que constitui um grande paradoxo. Aliás, o próprio nacionalismo origina-se de uma situação de exílio, com uma retórica declarada de pertence a algum lugar, entretanto, aquele se afasta deste quando prega a superioridade de uns em detrimento de outros.⁴

Cumprido ressaltar que a concepção de pátria para o exilado pode ser relativizada. Em outras palavras, há situações em que o exílio pode ocorrer dentro dos próprios limites, ou seja, existem “perdidos dentro de casa”. O sentimento de perda de pertencer a um local determinado pode transformar-se no sentimento de não pertencer a lugar nenhum. O indivíduo que se encontra nesta condição, se fecha em seu próprio mundo, cria suas próprias verdades, concebe a pátria como “algo provisório e segue incursão muito além de fronteiras, barreiras do pensamento ou experiência. Visualiza o mundo todo como uma terra estrangeira”⁵.

2 Estigmatizada e lançada à margem

Estar à margem social significa ser desprovido de posses ou, no mínimo, não ser pertencente a certas classes ou castas culturais privilegiadas. Aos que se encontram na condição de marginalizados faltam quase todos os direitos e sobram infortúnios e exploração. Farida é potencialmente uma excelente criação literária que aborda a brutal dominação estrangeira e os traumas do exílio.

³ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. 2003.

⁴ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. p. 49-50, 2003.

⁵ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. p. 59, 2003.

PEREIRA, Gilson Carlos Rodrigues. Farida: exílio e dominação na obra *Terra sonâmbula*. In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

O exílio se constitui não apenas em aspectos físicos ou geográficos, mas também em estado de alma. Logo, pode-se enxergar a existência de um exílio imposto pela força da dominação e outro proposital decorrente da subjetividade ante o descontentamento com a realidade vivenciada. A trajetória da personagem, assim como a inter-relação com os demais em destaque na obra de Mia Couto, representa um importante recurso expressivo na discussão da denominada teoria pós-colonialista no âmbito da análise literária.

Por isso, o momento do encontro entre Farida e Kindzu é bastante significativo. Explicita que por mais difícil que seja nosso exílio, não somos únicos, outros padecem sob o mesmo mal, ou até de forma mais aguda. Evidencia também a admiração do jovem, diante da personagem, descrita nos seguintes termos: “a beleza daquela mulher era de fazer fugir o nome das coisas. Olhando o seu corpo se acreditava que nunca nele a velhice haveria de morar”⁶. Porém, ela trazia consigo segredos e um passado sombrio. Quem, de fato, poderia imaginar que tão formosa criatura carregava um estigma, uma marca que se agravava dia após dia, arrancando-lhe lágrimas e causando insuportável dor e sofrimento?

Os dramas de Farida tiveram origem muito antes de seu nascimento e são sustentados em preconceitos e crenças. Seu povo acreditava que o nascimento de gêmeos, como era o caso da personagem, era prenúncio de dias ruins, isto é, maldição na certa. Por conta disso, Farida, que “era filha do Céu, estava condenada a não poder nunca olhar o arco-íris”⁷. O pecado dela é simplesmente o “ser diferente”, pertencer a uma minoria indefesa e incompreendida no âmbito das tradições.

Fato curioso na estória de vida de Farida é a discriminação em meio a pessoas discriminadas. Seu povo (Matimati) tem a capacidade de rotulá-la, sendo também rotulados como inferiores. Não conseguem refletir acerca de males que sofrem literalmente na pele, pelas mãos do opressor, o que deixa explícito que também ocorrem desigualdades entre nascidos debaixo do jugo de servidão.

As feridas que a machucam são profundas e antigas. São originadas desde o nascimento e lhes acompanharão até o último momento. Para a infelicidade produzida pela violenta separação do lar e das raízes, (“os exilados individuais nos forçam a reconhecer o destino trágico da falta de lar num mundo necessariamente implacável”)⁸ não há uma explicação lógica.

Os motivos que apartam os indesejáveis (“nunca mais ninguém desejou notícia de Farida, ela ingressara no obscuro mundo dos sobreviventes”)⁹ e os lançam nos guetos são cruéis e arbitrários. A

⁶ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.48, 1996.

⁷ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.56, 1996.

⁸ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. p. 56, 2003.

⁹ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.58, 1996.

forma mais correta de encarar o exílio é compreendê-lo como ocasionado pela irracionalidade externa. O exílio nos acontece ou nascemos nele¹⁰.

Farida conhece-o sob as duas faces, fora acometida duplamente por essa doença incurável e avassaladora. Po conta das crenças do seu povo, foi taxada como amaldiçoada já na infância, e logo os efeitos desse estigma começam a causar lhe rupturas¹¹ e violações, mesmo não conseguindo experimentar o mínimo de discernimento dos fatos que se sucediam.

Farida era filha do Céu, estava condenada a não poder nunca olhar o arco-íris. Não lhe apresentaram à lua como fazem com todos os nascidos da sua terra. Cumpria um castigo ditado pelos milênios: era filha-gêmea, tinha nascido de uma morte. Na crença da sua gente, nascimento de gêmeos é sinal de grande desgraça. No dia seguinte a ela ter nascido, foi declarado chimussi: a todos estava interdito lavar o chão. Caso uma enxada, nesse tempo, ferisse a terra, as chuvas deixariam de cair para sempre.¹²

A maldição do nascimento das gêmeas significou uma verdadeira tragédia para a família. Enquanto uma das meninas (Carolina) foi entregue aos braços da morte para ser “poupada” do destino terrível, a outra (Farida) enfrentaria as consequências que se abateriam como uma lepra sobre sua vida. Ela e a mãe foram excluídas, deitadas fora do grupo,¹³ pois os membros de sua comunidade desejavam evitar o contágio com uma realidade terrível e ameaçadora de suas próprias verdades, que pudesse tirá-los da posição de conforto.

Foi na casa da avó, ficou lá viver. Assim se murmurava. Depois das cerimônias, mandaram que a mãe saísse da aldeia. Junto com a filha foram morar num mato próximo, de verdes desleixados. Ali viveram sem nunca receber visitas: vinham os da família, mas ficavam longe, escondidos. Receavam o contágio. Gritavam dali suas mensagens. A única que lhes trazia comida era tia Euzinha¹⁴.

Os anseios e desventuras de Farida remetem a um ponto sempre negligenciado pela coletividade: o sofrimento das minorias que se debatem agonizante e parece não comover. É preciso fazer uma leitura da personagem de mente aberta, o que, conseqüentemente, nos remeterá a nossos próprios exilados. O que dizer da injusta situação da população negra? das questões discriminatórias aos homossexuais? do jovem pobre da favela, estigmatizado como bandido, o qual, quando realmente envereda na criminalidade sente a pesada mão punitiva do estado sem primeiro sentir a mão diretiva do acolhimento e das oportunidades? Farida tipifica tudo isso, é a velha lei do determinismo impregnada em nossa sociedade.

¹⁰ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. p. 57, 2003.

¹¹ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. p. 46, 2003.

¹² COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.56, 1996.

¹³ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. p. 50, 2003.

¹⁴ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.56, 1996

2.1 Sentindo na pele as diferenças entre colonizador e colonizado

O desprezo insuportável do exílio e o sentimento de ser uma estranha em sua própria terra incitam Farida a estar em um trânsito contínuo. Levam-na à procura de outros horizontes com ares menos sofríveis. Acolhida pelo casal de portugueses, Romão Pinto e Virgínia, a personagem gozou uma momentânea tranquilidade no período da curta transição entre a adolescência e a idade adulta. Porém, a bela donzela sabia muito bem que tudo não passava de aparências. Ela já esperava pelo pior, pressentia que era observada sempre com “outros olhos”¹⁵.

Relacionando a casa dos portugueses a sua terra natal, Matimati, o sofrimento da jovem pode até parecer momentaneamente atenuado, porém, ela nunca, de fato, fez parte daquela família. Farida deixa de ser uma minoria sem voz, em meio à maioria em sua pátria, tornando-se parte do comum, da massa, uma maioria também sem voz, só que dominada por uma minoria autodenominada como superior.

Despertou numa casa de cimento, deitada em colchão de espuma. Lhe tinham levado para a residência de um casal de portugueses. Romão Pinto, dono das muitas terras e Dona Virgínia, sua esposa, trataram dela durante anos. Lhe ensinaram a escrever e falar, lhe corrigiram as maneiras que trazia da terra. Virgínia, assim lhe chamavam, era generosa como já não há. Foi ela que teimou em lhe adoptar como se fosse sua filha. Muitas vezes Farida sentiu desejo de a tratar por mãe. Mas ela não aceitou¹⁶.

Logo, as diferenças entre dominado e dominador ficam bem explícita. Havia barreiras evidentes que a impossibilitavam de ser aceita plenamente naquela comunidade. Além de ser vista como objeto de desejo e prazer, “estava cercada, indefesa. Não podia queixar a dona Virgínia, menos podia enfrentar as tentativas de Romão”¹⁷. Nesse novo panorama não é o nascimento que lhe irá ocasionar ao desterro, mas a cor da pele. Episódios como esse não ficaram restritos ao passado, todavia, são recorrentes ainda hoje, o que é notado quando uma raça é colocada acima de outra raça, quando culturas sufocam outras culturas¹⁸.

Na visão ativa do “conquistador” há a aceitação do convívio com as diferenças, desde que estas lhes sejam subordinadas. Nessa perspectiva, é válida a afirmativa de que os dominadores “atribuem a verdade exclusivamente a eles mesmos e relegam a falsidade e a inferioridade aos outros”¹⁹. Esse discurso frio e artificial de quem domina é regido por um ideal altruísta de modernizar, civilizar, ensinar bons costumes, salvar das trevas da ignorância. Aqui percebe-se a tênue fronteira entre o nós e os outros²⁰.

¹⁵ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.59, 1996.

¹⁶ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.59, 1996.

¹⁷ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.59, 1996.

¹⁸ BONICCI, Thomas. *Teoria literária. Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. p, 210. 2003

¹⁹ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. p. 50, 2003.

²⁰ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. p. 50, 2003.

PEREIRA, Gilson Carlos Rodrigues. Farida: exílio e dominação na obra *Terra sonâmbula*. In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

Debaixo de um novo teto, isto é, em outro regime de subserviência, a personagem veria as feridas de seu exílio ainda mais agravadas. Como pessoa dominada entraria em contato com o desejo de seu dominador e sentir-se-ia um objeto, como de fato o era. De acordo com trechos do texto, não passava de um “animal” indefeso a esperar pelo bote iminente de seu predador, Romão Pinto, o qual, “salivando [...] lhe perseguia, suas mãos não paravam de lhe procurar. Às vezes, de noite, espreitava pela janela enquanto ela tomava banho”²¹.

Assim, Farida é a exemplificação perceptível de que a opressão não termina por completo. Contudo, disfarça sua atuação sórdida e cruel ao longo do tempo, como afirma Bonicci: “a maioria das ex-colônias não está livre da influência ou da dominação [...] em outras palavras a celebração triunfante de independência disfarça o atual neocolonialismo sob o pretexto de modernização e desenvolvimento” (2005, p. 4).

A figura do português Romão Pinto representa o colonizador e as consequências de sua avidez pela exploração de povos sob sua servidão. O desejo insaciável e desenfreado pelo consumo faz com que, ora se abata como uma praga de gafanhotos, dilacerando as benesses de outras terras, no caso as terras africanas, ora parasite em meio a nações de independência recente, e conviva em meio ao povo, ostentando várias regalias e se aproprie sutilmente do melhor da terra, enquanto aos nativos sobram as migalhas.

Romão Pinto lhe perseguia, suas mãos não paravam de lhe procurar. Às vezes, de noite, espreitava pela janela enquanto ela tomava banho. Farida estava cercada, indefesa. Não podia queixar a Dona Virgínia, menos podia enfrentar as tentativas de Romão. O desejo dele crescia por toda a casa, como uma viscosa umidade. Ela o sentia com uma mistura de nojo e receio²².

Sem dúvida vivenciar tal situação é desolador. Os explorados têm consciência das injustiças a que são submetidos e, por sugerirem formas de resistência contra os dominadores, fatalmente acabam por serem lançados no exílio. Farida se esforça para evitar os abusos de seu senhor, sente na pele hábitos corriqueiros à época do período colonial. Todavia, a jovem é marcada pelo destino, e será mais uma vez vencida pelas circunstâncias, sendo obrigada a ceder aos caprichos libidinosos do português.

Desistiu de esperar e se ergueu de um salto, escapulada, tirando o corpo do alcance das babas do Romão. Surpreso, o português trancou a voz nos dentes, **soprando ameaças. Memórias antigas da raça lhe avisaram: melhor seria ela se deixar, sem menção nem intenção.** O português se homenzarrou, abusando dela toda inteira. Transpirava imensos suores. Romão surgia cada vez mais peganhento, corajoso como um sapo. Aquele suor lhe surgiu como se fosse a prova: aquele homem era um estrangeiro, retirado do seu mundo. Na sua terra ele pouparia suores

²¹ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.59, 1996.

²² COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.59, 1996.

ao fazer amor. Mas ele estava deslocado como um sapo longe do seu charco. E como um sapo adormeceu em seus braços, roncando²³.

Após o incidente traumático dos abusos, as feridas se tornam chagas profundas e a jovem sangra. Agora tem convicção de que, verdadeiramente, o exílio será seu eterno acompanhante e a certeza da culpa estará a cada passo desse chão; o vira-revira de sua vida se converterá em um trânsito entre mundos²⁴. Machucada, sente a necessidade de voltar às raízes, mas não sabe ao certo como fazê-lo. O que encontrará no caminho, e como encontrará o seu lugar? No passado partiu em desgraça por uma fatalidade e por um capricho da natureza retornou explorada vítima da presunção e do preconceito, ou seja, da falta de humanidade.

2.2 Laços que a prendem ao passado

Os passos errantes da jovem se põem na estrada. O retorno a algo incerto pode ser mais doloroso do que o dia da partida. Farida não é melhor do que uma estranha, uma forasteira. O simples fato de existir e de estar ali gera incômodo: “a formiga incomoda é dentro das roupas”²⁵. Experienciar os dissabores do exílio causam cansaço, uma sensação entediante. Às vezes surge, mesmo que timidamente, um raio de esperança na tentativa de preencher o vazio interior, fruto da separação de elementos que constituem a própria personalidade. Todavia, o mundo real logo insiste em mostrar uma verdade absoluta e irrevogável. As marcas são intensas e não hão de sumir jamais.

Sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre²⁶.

Entre tantas desgraças sucedidas em sua vida, mais uma vem somar às demais: uma gravidez indesejada, consequência do estupro praticado pelo português. O simples toque na barriga ou o fato de olhar para a criança lhe trazem à lembrança a situação de exploração, desencadeada pelo exílio. Nessa parte do texto, ocorre um paralelo relevante que precisa ser mencionado: a personagem, talvez por estar exposta a vida toda à discriminação, mesmo que inconscientemente, discrimina também o recém-nascido, encarando-o como se não fosse parte dela. Para os promotores do exílio, o esquecimento do exilado é bastante conveniente.

Esse menino nasceu sem que ela nascesse mãe. Em nenhum momento Farida notou alguma vontade de lhe dar cuidados. Foi à igreja e entregou a criança como se fossem uma encomenda de ninguém, um lapso da vida. Ficou lá, na Missão, nunca mais ela

²³ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.62, 1996. Grifo nosso.

²⁴ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.62, 1996.

²⁵ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.63, 1996.

²⁶ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. p. 46, 2003.

PEREIRA, Gilson Carlos Rodrigues. Farida: exílio e dominação na obra *Terra sonâmbula*. In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

o viu. Com certeza, já faleceu. Ou foi levado pelos bandos, tomado um matador de gente. Se queria ver o filho? Não sabia lhe custava falar o assunto²⁷.

A tal criança, Gaspar, já nascia condenado a uma forma de exílio pior do que o de sua genitora. Por ser filho de uma gêmea, não seria visto com bons olhos, portanto, herdara o “direito” ao exílio. Concomitantemente, também iria sentir na pele os efeitos de repulsa por sua epiderme: “esse menino viria a nascer sem a devida cor: seria um mulato [...] não confesses a verdadeira raça dele, antes vale dizeres que ele é albino”²⁸. Seria visto com certa estranheza, por não ser negro e nem branco, mas mulato e, por isso, ilegítimo, apresentado ao mundo como uma segunda classe de ser humano.

Pobre Gaspar! Pobre Farida! A dura realidade do exílio os faz viver conforme o enredo traçado pelo dominador, ambos presos em meio à teia de um destino cruel. Farida, que agora vivia a experiência de uma dolorosa maternidade, fruto do desejo alheio e estrangeiro, abandonou seu filho ante o choque violento das circunstâncias. Mas, percebe que a pobre criança, cujo nome não sabe, estava arraigada em sua história: “agora, encostada nas cordas do velho barco aquela mulher desfiava dolorosas lembranças. Seu filho era o nó onde se enlaçavam todas as suas recuadas vivências”²⁹, era parte sua e compartilhava dos mesmos horrores de um ser pilhado, roubado por aves de rapinas vorazes, que levaram embora a paz, a tranquilidade a identidade.

Farida exemplifica um estado de total decadência, dentro de um barco encalhado às margens de Matimati, sua terra natal. Em sua trajetória, sempre estivera às margens, nunca podendo ter os pés fixos no chão, um lugar verdadeiramente seu. Sua essência vai aos poucos se deteriorando, quase desaparecendo, à medida que sua vida passa por fases confusas: de criança renegada e entregue a uma infeliz existência, a jovem oprimida e violada pela sociedade dominante e mãe incompleta e sem afeição, reprodutora de preconceitos.

Tudo converge para uma verdadeira crise de identidade que se abate sobre ela. Perdida, não consegue ver com clareza quem era ou no que havia se tornado. Imersa em um turbilhão de sentimentos, conclui que precisa conservar suas origens, revitalizar sua verdadeira personalidade. Nasce o forte desejo de reaver o filho, de compensar o tempo perdido, de simplesmente encontrar o que é seu por direito, em fixar-se em algum ponto: “o exílio é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística”³⁰. No entanto, suas aspirações não passam de uma utopia, pois ela nunca conseguirá, de fato, encontrar o filho. Assim como jamais terá um lugar para chamar de seu.

²⁷ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.63, 1996.

²⁸ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.63, 1996

²⁹ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. p.63, 1996

³⁰ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. p. 60, 2003.

PEREIRA, Gilson Carlos Rodrigues. Farida: exílio e dominação na obra *Terra sonâmbula*. In: Revista Eletrônica *Falas Breves*, vol. 05. Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Marajó-Breves. Maio/junho de 2018. ISSN 23581069

3 Considerações finais

Levada pela força das circunstâncias, a bela negra Farida conheceu diferentes maneiras de exílio, vistas em sua estória marcada pela solidão e separação, por tristezas e saudosismo. A personagem em foco é a expressão de um ser marcado pela opressão, pelas guerras e pelo caos dominante em todos os níveis.

Para ela, a dor e a ruptura do exílio são uma verdade já há muito definida e irremediável. A análise empreendida ratifica que há diversas formas de exílio e muitas maneiras de motivá-lo. Os elementos de cunho cultural, centrado em convenções sociais, que mandam seus indesejáveis à marginalização; o fator econômico, que acaba por mensurar valores individuais centrados em posses, e, por que não mencionar, o caráter político-ideológico que esmaga o pensamento contrário às suas convicções na tentativa de imobilizá-lo ou mesmo extirpá-lo.

Porquanto, no momento atual, é fato que tais questões originárias de uma visão discriminatória crescem vigorosamente. Mesmo quando é “politicamente correto” manter um discurso de aceitação, há uma farsa orquestrada pela intolerância e desrespeito a dignidade humana. Entretanto, é preciso tomar outra postura, se mostrar opinativo e participativo. Sabendo que atitudes retrógradas existem e não se pode omitir-se, mas, repudiá-las consistentemente. É, obvio que antes da defesa de qualquer causa contra a exploração e o preconceito, é primordial que aconteça um processo de “libertação interna” uma limpeza radical em tudo àquilo que foi imposto, convencionado, internalizado é aceito como modelo de perfeição e do juízo de valor.

Referências

BONICCI, Thomas. Teoria literária. *Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Ed. EDUEM, 2003.

BONICCI, Thomas. “Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século 21”. *Léngua & Meia*. v. 4, nº 3. 2005. p. 189-202.

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Ed. Schwarcz S.A, 1996.

JOSEFO, Flávio. *A história dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. Rio de Janeiro: Ed. CPAD, 2001.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.